

BorderCrossings

# Do Cerco E Da Fuga Até À Escravidão Branca

*Desejei que nos voltássemos a ver e que Deus nos acompanhasse rumo a um amanhã flutuante, mas só ouvi o pio do milhafre. Sempre o pio do milhafre.*

Pedro Almeida Maia, *A Escrava Açoriana*

VAMBERTO FREITAS

As palavras que cito aqui em epígrafe são as últimas deste supremo romance *A Escrava Açoriana*, de Pedro Almeida Maia. Têm a ver com um amor que ficava na ilha, e para ela perdido para sempre. Durante todo o seu trajecto narrativo “o pio do milhafre” torna-se como que um trilho musical, nunca deixando o leitor esquecer que tudo quanto irá acontecer em cada parágrafo ou diálogo tem as suas origens na História das ilhas açorianas, quase sempre insinuada e dita ou revisitada na maior parte dos textos que fundamentam e arquivam para sempre a identidade atlântica de um arquipélago que tanto sorriu ao seu destino quando olha para fora, como chora a memória de andanças ilusórias, sobretudo pelos continentes a oeste da Europa. A outra repetição constante em *A Escrava Açoriana* é o romance que se torna-

ria uma referência obrigatória até aos nossos dias, *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, ninguém esquecendo os amores sofridos da vida, o constante arbítrio das circunstâncias numa terra então de todo provinciana, rural, fatídica nas suas regras e costumes predominantes ao longo dos tempos. A protagonista tem ainda e sempre um terço enrolado na mão, talvez conscientemente a dizer que o seu Deus não a abandonaria à pouca sorte do presente ou porvir. Esta mais recente ficção do autor segue também o seu romance inusitado em Portugal quando nos faz recordar ou reviver em *Ilha-América* (2020, com 2ª edição em 2021) a fuga de um jovem no trem de um avião que partiu de Santa Maria em 1960 rumo, já se sabe, aos nossos destinos de sempre em busca de uma vida, na perseguição do sonho de bater a fome e a injustiça económico-financeira, política e mesmo militar em que estivemos quase sempre mergulhados durante séculos. Se nesse seu outro feito artístico só sabemos da audácia da viagem e não do que se seguiu quando o protagonista pisa a terra firme da sua eleição, *A Escrava Açoriana* dá-nos um radical reflexo de muita da nossa sorte no que então era o império luso no Brasil. A prosa de Pedro Almeida Maia consegue transmitir o que poucos escritores, em qualquer língua, conseguem: a palavra contida, as linguagens friamente oscilantes entre a narrativa escorregada e ao mesmo tempo significativa a cada passo, abrindo sempre a imaginação do próprio leitor e levando-o a repensar

as suas próprias origens identitárias plantadas entre Deus e o Diabo, revendo a sua identidade mista feita de amor, rebeldia e castigo a partir do momento em que as caravelas do século XV trouxeram para estas ilhas mulheres, homens e ratos. De igual modo, mas em extensão grandiosa, o Brasil foi sempre o mesmo território da nossa desgraça e do nosso triunfo, talvez uma reprodução fiel do berço natal nos arredores europeus entre a pequena terra e o grande mar.

*A Escrava Açoriana* tem início em 1837, e completa o seu ciclo de miséria e imigração clandestina até à contínua fuga retratada em 1926 na genial tela de um dos quadros açorianos mais famosos, “Os Emigrantes” de Domingos Rebelo. Estamos no fim do romance, e tudo isto, no que me parecem uns passos de todo irónicos, em que o dramatismo e a dor do pintor é precedida por uma pretensiosa e creio que primeira visita de um grupo de intelectuais vindos do Continente a convite do então jornalista José Bruno Tavares, para que o resto da mãe-pátria conhecesse um pouco mais as belezas e vida dos Açores. A nossa obsessão perpetua-se até hoje, mesmo no contexto de todas as barreiras derrubadas – e ocasionalmente entendidas no outro lado do mar a leste. Rosário, a personagem central deste romance, passa pela tortura de ser uma adolescente e uma mulher liberta de todos os preconceitos vigentes na sociedade açoriana. No entanto, o amor, a inteligência e o instinto de mulher asseguram a sua força quando atrás de si deixa um padrasto sofrido e uma mãe recentemente mortos quando embarca só contra tudo e todos

ali para os lados vigiados das Feteiras, local onde os navios do tráfico humano pago pelos fazendeiros e outros sanguessugas do Império pagavam aos comandantes para encher os porões dos que não sabiam que já eram servos escravizados por uns anos ou por toda a vida na terra que é do samba e da grandiosidade da cantante língua portuguesa. Trabalho forçado, sexo e estupro para a açoriana e muitíssimos outros compatriotas na terra em construção, e em que, tal como em toda a parte, se misturavam a bondade e a maldade, cada sociedade parte da tragédia humana. A viragem da narrativa acontece quando a protagonista mantém a coragem da insubmissão e regressa escondida à sua cidade natal de Ponta

Delgada. Só não se pode, como escreveu Thomas Wolfe, “regressar a casa”. Ela, a casa, raramente muda, mas muda cada ser humano após a peregrinação entre outros nas diversas geografias, internas ou do mundo. A contestação de Rosário tem agora outra face perante os usos e costumes da sempre reinante hipocrisia e vidas que tentam confundir o que é estritamente pessoal com o que é público, ou parece ser. Juntamente com uma colega que veste à homem e com quem Rosário passa a viver no seu regresso, antecedem as duas a real Alice Moderna, outro símbolo da determinação em não desfazer o seu ser mais íntimo e imaginado pelos supostos poderes de rua cidadina e gabinetes de negócios vários. De resto, o riso e o choro dominam o romance. A sua originalidade reside no contrário a muitas das narrativas da imigração, que se ficam quase sempre por nos considerar “construtores” de outros mundos, e deixar a violenta safadeza dos impérios em geral. A luta pela liberdade e dignidade dos caídos, dos desprotegidos da História, faz de *A Escrava Açoriana* uma das mais vivas narrativas da nossa literatura pós-moderna, a tal revisitação da História e das estórias que caracteriza os olhares também pós-coloniais, agora através do ponto de vista dos que a sofreram, e negando aos supostos “vitoriosos” a última palavra.

“A mulher que pisou o solo ponta-delgadense – diz a narradora, que por vezes nos parece omnisciente e outras a protagonista a contar a sua própria história – meio ano após chorar sobre a mala, o terço e o *Amor de Perdição*, não foi Rosário. Também não foi a mesma alma a que abandonou a ilha insolentemente, sete anos antes. Aquela jovem esvaecera-se na prostituição, dissipara-se nos areais do Rio de Janeiro, murchara na senzala. Quem desembarcou nos Açores foi uma nova mulher. Quanto mais envelhecemos, mais alienados nos parecem os eus do passado, mais extraterrenos soam, como se não nos pertencessem. Aquela versão dela tornou-se um apêndice arrancado, um ser distinto”.

Este é um outro salto literário não só luso, mas sim Lusófono, com letra maiúscula e com tudo o que isso implica. O autor destaca, nas páginas de agradecimentos, as suas fontes históricas e literárias, e, por entre outras obras, *A Sybilla* (a primeira edição original saiu em Velas, em 1884) da jorgense Marianna Belmira de Andrade (1844-1921), uma das primeiras poetisas açorianas a dar um nome de força às mulheres, e que Henrique Levy reeditou ainda há pouco numa nova edição crítica na Nona Poesia. A ruptura literária de autores como Pedro Almeida Maia, por sua vez, é feita da “continuidade” no espaço histórico da melhor literatura açoriana. ♦

Pedro Almeida Maia, *A Escrava Açoriana*, Lisboa, Cultura Editora, 2022.

